

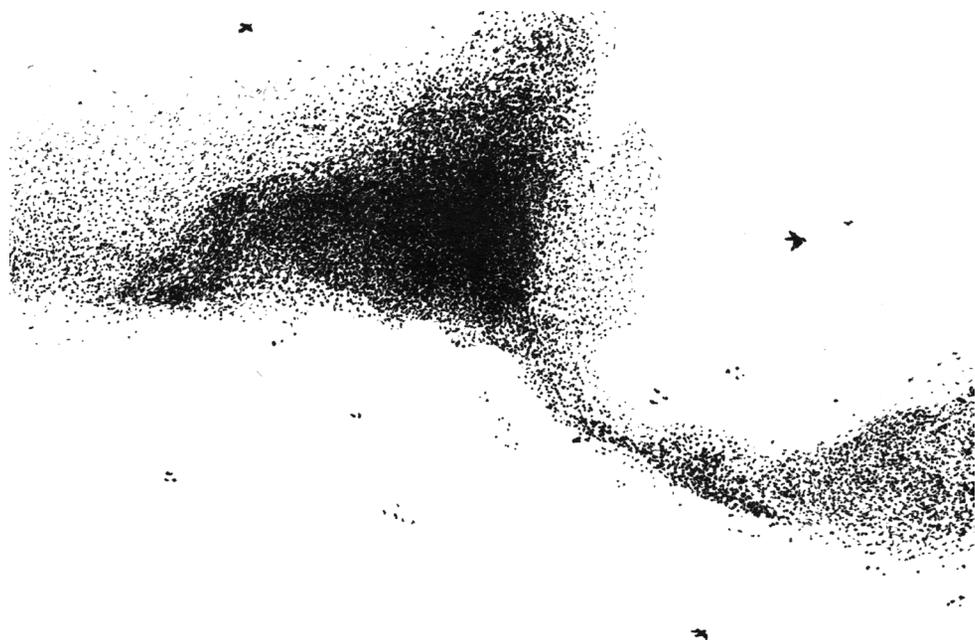


edições do  
saguão  
2018

GIACOMO LEOPARDI

# PENSAMENTOS

TRADUÇÃO DE  
ANDREA RAGUSA E ANA CLÁUDIA SANTOS



EDIÇÃO BILÍNGUE  
COM UM ENSAIO DE  
ROLANDO DAMIANI

# PENSAMENTOS



Por longo tempo eu recusei crer verdadeiras as coisas que direi mais adiante, porque, além de a minha natureza estar demasiado afastada delas, e de o espírito tender sempre a julgar os outros por si mesmo, a minha inclinação nunca foi a de odiar os homens, mas sim a de os amar. Por fim, a experiência persuadiu-me delas quase violentamente: e estou certo de que aqueles leitores que têm vindo a conviver muito, e de diferentes modos, com os homens, reconhecerão que o que estou prestes a dizer é verdade; todos os outros o julgarão exagerado, enquanto a experiência, se alguma vez vierem a ter a oportunidade de experimentar realmente a sociedade humana, não lho puser à frente dos olhos.

Digo que o mundo é uma liga de malandros contra os homens de bem, de vis contra os generosos. Quando dois ou mais malandros se encontram pela primeira vez, facilmente, e como que por sinais, se reconhecem mutuamente por aquilo que são, e de imediato se põem de acordo; ou, se tal não prejudicar os respectivos interesses, sentem decerto uma inclinação recíproca, e têm um pelo outro o maior respeito. Se um malandro tiver transacções e negócios com outros malandros, acontece amiúde que se comporte com lealdade e não os engane; mas se os tiver com pessoas honradas, é impossível que não venha a trair a sua confiança, e que, sempre que lhe convier, não as tente arruinar, ainda que sejam pessoas animosas e capazes de vingança, pois tem esperança de vencer, como quase sempre consegue, a bravura delas com as suas fraudes. Vi muitas vezes homens altamente medrosos, achando-se entre um malandro mais medroso do que eles e uma pessoa de bem cheia de coragem, tomarem por medo o partido do malandro: ou melhor, isto sucede sempre que pessoas ordinárias se encontram em semelhantes ocasiões: porque se as vias do homem corajoso e de bem são conhecidas e simples, as do velhaco são ocultas e infinitamente várias. Ora, como todos sabem, as coisas ignotas causam mais

medo do que as conhecidas; e é fácil precavermo-nos contra as vinganças dos generosos, das quais a própria vileza e o medo nos salvam; mas não há medo ou vileza que bastem para nos livrarem das perseguições secretas, das insídias ou dos golpes, por vezes evidentes, que nos chegam dos inimigos vis. De modo geral, na vida quotidiana, a verdadeira coragem é pouquíssimo temida; até porque, dissociada como está de qualquer impostura, é desprovida daquele aparato que torna as coisas pavorosas; e, frequentemente, nem se acredita nela, enquanto os malandros até passando por corajosos são temidos, pois é em virtude da impostura que muitas vezes são tidos como tais.

São raros os malandros pobres: porque, à parte tudo o resto, se um homem de bem cair na pobreza, ninguém o socorre, e muitos disso se alegam; mas se for um velhaco a empobrecer, toda a cidade se ergue para o auxiliar. A razão é fácil de entender: sentimo-nos naturalmente tocados pelas desventuras dos nossos companheiros e pares, pois é como se fossem idênticas ameaças para nós; e, sempre que podemos, de bom grado nos aprestamos a remediá-las, pois descurá-las pareceria consentir de forma demasiado evidente que, em ocasião semelhante, o mesmo nos seja feito. Ora, os malandros, que no mundo são os mais numerosos e os mais munidos de recursos, têm cada um dos outros malandros, ainda que os não conheçam pessoalmente, por companheiros e pares, e, em caso de necessidade, sentem-se obrigados a socorrê-los, devido àquela espécie de liga que, como disse, existe entre eles. Parece-lhes até um escândalo que um homem conhecido por malandro seja visto na miséria, pois o mundo, que em palavras honra sempre a virtude, nestes casos facilmente a considera um castigo, o que se torna um opróbrio, e até um prejuízo para todos eles. Por isso, empenham-se com tanta eficácia em pôr fim a esse escândalo, que são poucos os exemplos de velhacos, salvo quando são pessoas irrelevantes, que, uma vez caídos em má sorte, não consigam depois resolver os seus assuntos da melhor forma.

Pelo contrário, os bons e os magnânimos, sendo diferentes da maioria, são por esta considerados quase criaturas de outra espécie, e, por conseguinte, não são tidos por pares ou companheiros, mas seriam até excluídos dos direitos sociais, e, como sempre acontece, perseguidos com maior ou menor gravidade, quanto mais ou menos insignes são a baixeza de espírito e a malvadez dos tempos e do povo em que lhes calhou viver; pois, tal como nos corpos dos animais, a natureza tende sempre a purgar-se dos humores e dos princípios que não se adequam àqueles de que propriamente se compõem esses corpos, assim, nas agregações de muitos homens, a própria natureza leva a que se procure destruir ou expulsar a todo o custo quem se diferencie sobremaneira do universal, sobretudo se essa diferença for também contrariedade. Costumam também ser muito odiados os bons e os generosos, por serem comumente sinceros e chamarem as coisas pelos nomes. Esta é uma culpa que o género humano não perdoa, uma vez que nunca odeia propriamente quem faz o mal, nem sequer o mal em si mesmo, mas antes quem o nomeia. De maneira que, muitas vezes, enquanto quem faz o mal obtém riquezas, honras e poder, quem o nomeia é arrastado para os patíbulo, estando os homens dispostos a sofrer qualquer coisa por via de outros homens ou do céu, desde que em palavras possam ser poupados.

## II

Folheia as vidas dos homens ilustres, e se considerares aqueles que realmente o foram, não por terem escrito, mas por terem feito, encontrarás a muito custo pouquíssimos realmente grandes que não tenham perdido o pai em tenra idade. Deixo assente que, falando dos que vivem de rendimentos, aquele que tem o pai vivo é comumente um homem sem capacidades; e que, por conseguinte, nada pode no mundo: tanto mais que, ao mesmo tempo, espera ser facultoso, pelo que

não tem a preocupação de obter bens com o próprio trabalho, o que poderia dar azo a grandes feitos; este não é, todavia, o caso mais comum, dado que, regra geral, aqueles que fizeram grandes coisas foram também copiosos, ou decerto providos o bastante dos bens da fortuna desde o início. Mas deixando tudo isto, o poder paterno, em todas as nações que têm leis, traz consigo uma espécie de escravidão para os filhos, a qual, por ser doméstica, é mais premente e mais sensível do que a civil; e embora possa ser mitigada pelas próprias leis, ou pelos costumes públicos, ou pelas qualidades particulares das pessoas, nunca deixa de produzir um efeito altamente prejudicial: um sentimento que, enquanto o pai for vivo, o homem carrega perpetuamente no seu íntimo, e o qual lhe é confirmado pela opinião que visivelmente e inevitavelmente dele tem a maioria. Refiro-me a um sentimento de sujeição e de dependência, de não ser senhor absoluto de si mesmo, de não ser até, por assim dizer, uma pessoa inteira, mas somente uma parte e um membro, e de o seu nome pertencer a outro mais do que a si. Este sentimento, mais profundo nos que seriam mais aptos para as coisas, uma vez que, possuidores de um espírito mais desperto, são mais capazes de sentir e mais avisados para darem conta da verdade da própria condição, é quase impossível que vá de braço dado, não digo com o fazer, mas com o projectar o que quer que seja de grande. E passada deste modo a juventude, o homem que aos quarenta ou cinquenta anos sente pela primeira vez ter poder sobre si mesmo, é de sobejo dizer que não tem o estímulo, e que, se o tivesse, já não teria nem o ímpeto, nem as forças, nem o tempo suficientes para grandes acções. Assim, também neste aspecto se verifica que nenhum bem pode haver no mundo que não se faça acompanhar por males da mesma medida: pois a utilidade inestimável de ter durante a juventude um guia experiente e amoroso, como não há quem possa ser senão o próprio pai, é compensada por uma espécie de anulação da juventude e, em geral, da vida.

Se eu tivesse o engenho de Cervantes, faria um livro para purgar a Itália, ou antes, todo o mundo civilizado — como ele purgou a Espanha da imitação dos cavaleiros errantes — de um vício que, tendo em conta a mansidão dos costumes actuais, ou talvez até em todos os outros casos, não é menos cruel nem menos bárbaro do que qualquer vestígio da ferocidade dos tempos medievais punido por Cervantes. Refiro-me ao vício de ler ou de declamar aos outros as próprias composições: vício que, sendo antiquíssimo, nos séculos passados foi uma desgraça ainda tolerável, porque rara: mas hoje, que todos escrevem, e que não há nada mais difícil do que encontrar quem não seja autor, tornou-se um flagelo, uma calamidade pública, uma nova tribulação da vida humana. E não é gracejo, mas a verdade, dizer que para este os conhecidos são suspeitos e as amizades perigosas, e que não há hora nem lugar onde qualquer inocente não deva temer ser apanhado e submetido aí mesmo, ou arrastado para outro sítio, ao suplício de ouvir prosas sem fim ou versos aos milhares, já não com a desculpa de se querer conhecer o seu parecer, desculpa que por longo tempo se costumou estabelecer como motivo de tais declamações, mas só e expressamente para, ouvindo, dar prazer ao autor, além dos louvores necessários no fim. Em boa consciência, creio que em pouquíssimas coisas se revela tanto, por um lado, a puerilidade da natureza humana, e a que extremo de cegueira — aliás, de idiotia — pode o amor-próprio conduzir o homem; por outro lado, até que ponto pode o nosso ânimo iludir-se a si mesmo; como se demonstra nesta actividade de declamar os próprios escritos. Porque, embora cada um esteja ciente do inefável aborrecimento que sente sempre ao ouvir as coisas dos outros, e veja quem é convidado a ouvir as suas coisas tremer e empalidecer, alegar toda a espécie de impedimentos para se escusar, ou mesmo fugir e esconder-se o mais que pode; ainda assim, com semblante metálico e maravilhosa perseverança, como

um urso faminto, procura e persegue a sua presa por toda a cidade e, depois de a ter apanhado, arrasta-a para onde bem determinou. E durante a declamação, embora repare, primeiro pelo bocejar, depois pelo distender-se, pelo contorcer-se, e por centenas de outros sinais, na angústia mortal que sente o infeliz ouvinte, nem assim se detém ou lhe dá tréguas; pelo contrário, cada vez mais orgulhoso e incansável, continua a arengar e a gritar horas, ou quase dias e noites a fio, até ficar rouco, e até ele próprio, depois de o ouvinte ter desfalecido há muito, sentir que se lhe esgotaram as forças, sem que porém tenha ficado saciado. Nesse tempo, nessa carnificina que o homem faz do próximo, sente ele decerto um prazer quase sobre-humano e paradisíaco: pois vemos as pessoas abandonarem por este todos os outros prazeres, esquecerem o sono e a comida, e dos seus olhos desaparecerem a vida e o mundo. Consiste este prazer na crença inabalável que o homem tem de despertar admiração e dar prazer a quem ouve: caso contrário, declamar para o deserto ou para pessoas seria o mesmo. Ora, como disse, o prazer que tem quem ouve (não por acaso digo sempre ouve, e não escuta) conhecem-no todos por experiência, e quem declama vê-o, e eu sei também que muitos prefeririam um grave castigo corporal a semelhante prazer. Até os escritos mais belos e de maior valor, quando é o próprio autor a declamá-los, são capazes de matar de tédio: a este propósito, um filólogo meu amigo assinalava que, se é verdade que Octávia, ao ouvir Virgílio ler o livro sexto da Eneida, desmaiou, é verosímil que tal lhe tenha acontecido não tanto pela memória do seu filho Marcelo, como dizem, mas pelo tédio de estar a ouvir ler.

Assim é o homem. E este vício de que falo, tão bárbaro e tão ridículo, e contrário ao sentimento de criaturas racionais, é realmente uma doença da espécie humana: pois não há nação tão nobre, nem condição alguma de homens, nem século, que não tenha esta peste em comum. Italianos, franceses, ingleses, alemães; homens encanecidos, sapientíssimos em tudo o mais, plenos de engenho e de valor; homens com grande experiência

na vida social, gentilíssimos de maneiras, que amam atentar nos disparates e ridicularizá-los; transformam-se todos em crianças cruéis nas ocasiões de declamar as próprias coisas. E tal como é este um vício do nosso tempo, assim o foi do tempo de Horácio, a quem já parecia insuportável; e do de Marcial, que, quando alguém lhe perguntava por que motivo não lhe lia os seus versos, respondia: «para não ouvir os teus»; e também o foi da melhor idade da Grécia, quando, como se narra, Diógenes, o Cínico, encontrando-se em companhia de outros, todos moribundos do tédio, numa daquelas lições, ao ver surgir nas mãos do autor, no final do livro, o branco do papel, disse: «Ânimo, amigos; terra à vista.»

Mas hoje a coisa chegou a tal ponto que os ouvintes, ainda que forçados, só a muito custo conseguem satisfazer as necessidades dos autores. Pelo que alguns conhecidos meus, homens industriais, tendo considerado este ponto, e persuadidos de que declamar as próprias composições é uma das necessidades da natureza humana, pensaram em dar conta disto, conduzindo-o, como se conduzem todas as necessidades públicas, para a utilidade particular. Para este efeito, em breve abrirão uma escola, uma academia, ou um ateneu de escuta; onde, a qualquer hora do dia ou da noite, eles, ou pessoas por eles estipendiadas, escutarão quem quiser ler por preços determinados: que serão, para a prosa, a primeira hora um escudo, a segunda dois, a terceira quatro, a quarta oito, e aumentando assim com progressão aritmética. Para a poesia, o dobro. Por cada trecho lido, se quiserem voltar a lê-lo, como às vezes acontece, uma lira o verso. Se o ouvinte adormecer, será devolvida ao leitor a terça parte do preço devido. Para convulsões, sínopes, e outros acidentes ligeiros ou graves que possam acontecer a uma ou outra parte durante o tempo das leituras, a escola será provida de essências e de medicamentos, dispensados gratuitamente. Assim, tornando-se matéria de lucro o que até agora fora infrutífero, como os ouvidos, abrir-se-á um novo caminho para a indústria, com aumento da riqueza geral.

## LXII

O primeiro fundamento de estar preparado para se dar nas ocasiões apropriadas é ter muito apreço por si.

## LXIII

A concepção que o artífice tem da sua arte ou o cientista da sua ciência costuma ser inversamente proporcional à concepção que ele tem do próprio valor na mesma.

## LXIV

O artífice ou cientista ou cultor de qualquer disciplina que tiver o hábito de se comparar, não com outros cultores dessa, mas com a mesma, quanto mais excelente for, menor será a ideia que tem de si: pois ao conhecer melhor as profundezas daquela, mais inferior se achará em comparação.

Assim, quase todos os grandes homens são também modestos: porque se comparam continuamente, não com os outros, mas com aquela ideia de perfeição que têm à frente do espírito, infinitamente mais clara e maior do que a do vulgo; e consideram como estão longe de a conseguirem. Enquanto os vulgares, facilmente, e talvez por vezes com razão, julgam ter não apenas conseguido, mas superado aquela ideia de perfeição que lhes cabe na alma.

## LXV

Nenhuma companhia é agradável com o passar do tempo a não ser a de pessoas por quem nos importe ou agrade sermos

cada vez mais estimados. É por isso que as mulheres, querendo que a sua companhia não deixe de agradar ao fim de pouco tempo, deveriam empenhar-se em serem tais que a sua estima pudesse ser desejada de maneira duradoura.

#### LXVI

No presente século, crê-se que os negros são de raça e de origem totalmente diferentes das dos brancos, e, todavia, totalmente iguais a estes quanto aos direitos humanos. No século XVI, crendo-se que os negros possuíam a mesma raiz que os brancos, e que eram uma e a mesma família, defendeu-se, sobretudo entre os teólogos espanhóis, que, quanto aos direitos, fossem, por natureza e por vontade divina, amplamente inferiores a nós. E num e noutro século os negros foram e são vendidos e comprados, e postos a trabalhar agrilhoados, sob a ameaça do chicote. Assim é a ética, e assim a correspondência entre as crenças em matéria de moral e as acções.

#### LXVII

Diz-se muito impropriamente que o tédio é um mal comum. Comum é estar desocupado, ou melhor, inactivo; não entediado. O tédio não pertence senão a quem é minimamente inteligente. Quanto mais poderoso é o espírito, mais o tédio é frequente, penoso e terrível. A maioria dos homens encontra ocupação bastante no que quer que seja, e bastante deleite em qualquer ocupação insulsa; e quando estão completamente desocupados, não sofrem grande pesar. Daqui advém que os homens de sentimento sejam tão pouco compreendidos acerca do tédio, fazendo por vezes que o vulgo se espante ou ria quando falam e se queixam do tédio com a gravidade de

palavras que se usa a propósito dos males maiores e mais inevitáveis da vida.

#### LXVIII

O tédio é, de alguma forma, o mais sublime dos sentimentos humanos. Não que eu creia que pelo exame deste sentimento nasçam as consequências que muitos filósofos pretenderam dele recolher, mas, não obstante, o não poder contentar-se com nenhuma coisa terrena, nem, por assim dizer, com a terra inteira; considerar a amplitão inestimável do espaço, o número e a mole maravilhosa dos mundos, e achar que tudo é pouco e pequeno para a capacidade do próprio espírito; imaginar que o número dos mundos é infinito, e infinito o universo, e sentir que o espírito e o desejo nossos são ainda maiores do que esse universo, e acusar sempre as coisas de insuficiência e de nulidade, e sofrer a insuficiência e o vazio, e, portanto, o tédio — parece-me a mim o maior sinal de grandeza e de nobreza que se possa ver na natureza humana. Por isso, o tédio é pouco conhecido dos homens de somenos, e pouquíssimo ou nada dos restantes animais.

#### LXIX

A partir da famosa carta de Cícero a Luceio, onde este é impellido por aquele a compor uma história da conjuração de Catilina, e de outra carta, menos divulgada e não menos curiosa, em que o imperador Vero roga ao seu mestre Frontão que escreva, como este depois fez, a história da guerra contra os Partos, administrada pelo próprio Vero — cartas muito parecidas com as que se escrevem hoje aos jornalistas, se bem que os modernos peçam artigos nas gazetas, e aqueles, por serem antigos, pediam

livros —, pode questionar-se, de algum modo, que confiança se pode ter na história, mesmo quando é escrita por homens contemporâneos e de grande credibilidade no seu tempo.

## LXX

Muitíssimos daqueles erros que se dizem criancices, em que costumam cair os jovens sem experiência do mundo, bem como os que, jovens ou velhos, são condenados pela natureza a serem mais do que homens e a parecerem sempre crianças, consistem, se bem os considerarmos, apenas nisto: em pensarem e governarem-se aqueles como se os homens fossem menos crianças do que realmente são. Decerto, aquilo que, primeiro e mais do que tudo, perturba com maravilha o espírito dos jovens bem-educados, quando entram no mundo, é a frivolidade das ocupações vulgares, dos passatempos, das conversas, das inclinações e dos espíritos das pessoas; frivolidade à qual, com a prática, pouco a pouco se adaptam, mas não sem pesar e dificuldade, parecendo-lhes a princípio terem voltado a ser crianças. E, realmente, assim é; pois o jovem de boa índole e de boa educação, quando começa, como se diz, a viver, deve forçosamente andar para trás e apatetar-se um pouco, por assim dizer; e acha-se muito iludido pela crença que tinha então de dever tornar-se homem em tudo, e abdicar de todos os vestígios da meninice. Pois, pelo contrário, os homens em geral, por muito que avancem nos anos, continuam sempre a viver, em grande medida, como crianças.

## CIX

O homem é quase sempre tão malvado quanto lhe convém. Se se comporta com rectidão, pode julgar-se que a malvadez não lhe é necessária. Vi pessoas de maneiras dulcíssimas, inocentíssimas, cometer acções das mais atrozes para escaparem a algum grave prejuízo, não evitável de outro modo.

## CX

É curioso observar que quase todos os homens de muito valor são simples de maneiras; e que quase sempre as maneiras simples são tomadas por um indício de pouco valor.

## CXI

Um hábito de guardar silêncio numa conversa é então apreciado e louvado quando se sabe que a pessoa que cala tem quanto se requer e ousadia e aptidão para falar.



ESTE LIVRO ACABOU  
DE SE IMPRIMIR NO  
MÊS DE JUNHO DE 2018  
NA GRÁFICA EUROPRESS  
**EM LISBOA**  
NUMA TIRAGEM DE  
500 EXEMPLARES

**SAGUÃO 04**

DEPÓSITO LEGAL 442170/18